

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The title 'Livro de Poemas' is centered within this white area.

Livro de Poemas

Quinhentismo * Literatura da Informação:

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?
- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.
- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?
- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?
- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

José de Anchieta.

Barroco:

O todo sem a parte não é todo.

O todo sem a parte não é todo,

A parte sem o todo não é parte,

Mas se a parte o faz todo, sendo parte,

Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,

E todo assiste inteiro em qualquer parte,

E feito em partes todo em toda a parte,

Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,

Pois que feito Jesus em partes todo,

Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,

Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos

disse as partes todas deste todo.

Gregório de Matos.

Arcadismo:

Olha Marília, as flautas dos pastores.

Olha Marília, as flautas dos pastores,

Que bem que soam, como são cadentes!

Olha o Tejo a sorrir-se! Olha: não sentes Os

Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores

Incitam nossos ósculos ardentes!

Ei-las de planta em planta as inocentes

As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira;

Ora nas folhas a abelhinha pára.

Ora nos ares sussurrando, gira.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vê, se eu não te vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

du Bocage.

Romantismo:

As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,

não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade.

Realismo/Naturalismo:

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Fernando Pessoa.

Parnasianismo:

Vaso Grego

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que o suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas, o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Alberto de Oliveira.

Simbolismo:

Alma solitária.

Ó Alma doce e triste e palpitante!
Que cítaras soluçam solitárias
Pelas Regiões longínquas, visionárias
Do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante,
Quantos silêncios, quantas sombras várias
De esferas imortais, imaginárias,
Falam contigo, ó Alma cativante!

Que chama acende os teus faróis noturnos e
Veste os teus mistérios taciturnos
Dos esplendores do arco de aliança?

Por que és assim, melancolicamente, como
Um arcanjo infante, adolescente, esquecido

nos vales da Esperança?!

Cruz e Sousa.

Pré-Modernismo:

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,

Na frialdade inorgânica da terra!

Augusto dos Anjos.

Modernismo:

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

Oswald de Andrade.